



“A consolidação da Savassi como uma centralidade Belo Horizontina-MG. Suas contradições e dinâmicas no contexto da cultura do consumo”

Autor: Celina Borges Lemos

Arquiteta, Urbanista e Doutora em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP-SP

Professora Adjunta do Departamento de Análise Crítica e Histórica da Arquitetura e do Urbanismo e do Núcleo de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG

Instituição de origem: UFMG

Endereço eletrônico: celinaborges@ufmg.br ou celinaborg@gmail.com

1. Objetivos:

O trabalho elabora uma leitura das condições pelas quais a Savassi se caracterizou como centro urbano desde a sua consolidação definitiva na década de 1980 até os anos mais recentes. Hoje um centro de serviços e consumo cristalizado em enunciado nas suas espacialidades um quadro de serviços e especialmente de comércio varejo diversificado e simultaneamente fragmentado. A base da análise é analisar o processo de constituição dessa sub-região e as conseqüências dos mesmos na sua dinâmica contemporânea, identificando aspectos próprios do modelo de descentralização belo-horizontino.

2. Metodologia:

Metodologicamente, a sub-região da Savassi foi devidamente categorizada com base nos seguintes pontos: na delimitação geopolítica do seu território; nos dados disponíveis sobre os serviços e comércio varejo; na paisagem cultural que substituiu o antigo bairro até 1970 denominado Funcionários; na verificação da existência de lugares, práticas e interações sociais regidas pela cultura do consumo; na comparação com o Centro Antigo onde houve a localização inaugural dos serviços e do comércio varejo. Assim, detecta-se como integram as configurações físicas, sua categorização espacial e as formas de apropriação das mesmas por experiências voltadas para o consumo, conformando uma fragmentada paisagem do lugar. As investigações sobre o processo



de centralização da sub-região da Savassi estão também referenciadas em documentos históricos, entrevistas com os frequentadores que viveram e/ou vivem tão relevantes identidades para a Região Metropolitana de Belo Horizonte e demais visitantes.

3. Principais resultados obtidos, conclusões:

A sub-região da Savassi, denominada até meados da década de 1970 de Bairro Funcionários, integra o vetor sul à Região Central da capital mineira. Este período coincide com a elevação à categoria de Região Metropolitana, devido ao seu expressivo crescimento econômico e populacional¹. Sua estrutura urbana comportava vários centros secundários, os quais se interagiram e se completavam. Estes surgiram de uma forma quase espontânea, aliados aos interesses do setor imobiliário e empresarial, e apresentavam uma forma desconexa e dispersa. Até então, o centro reunia uma grande variedade de atividades e serviços, que vieram se avolumando ao longo da evolução urbana da cidade. Grande parte dos serviços localizados naquela área poderiam ser considerados exclusivos, levando as demais áreas da Região Metropolitana a assumirem uma total dependência dos seus serviços.

No entanto, o Centro Tradicional, nas últimas três décadas do século XX, mostrava sintomas de saturamento, havendo uma heterogeneidade na qualidade dos serviços, como também no uso do lugar. O preço do solo no centro, no final da década de 60 e início da década de 70, obteve uma taxa de acréscimo, em termos de valor, reduzida (PLAMBEL, 1977). Esta questão foi justificada pelo fato de que o Centro já se constituía como uma área praticamente comprometida (saturada), apresentando, em termos de valor do solo, uma taxa muito alta desde o início do século, em comparação com as demais áreas do núcleo metropolitano (PLAMBEL, 1978). Deste modo, as suas áreas já haviam sido valorizadas, sendo este um processo que vem se delineando desde a fundação da cidade. Aliado à questão do saturamento, “o fenômeno da metropolização de Belo Horizonte, naquela época, estaria provocando o surgimento de novos centros terciários mais sofisticados, os quais se apresentariam como alternativa ao centro tradicional” (PLAMBEL, 1978, p. 142). Os serviços de comércio mais sofisticados ou não, pouco a pouco, foram deixando o local, já que o preço do solo, apesar de não ter sofrido uma taxa de elevação expressiva com relação às outras áreas, nas décadas de 60 e 70, atingiu um valor inestimável que repercutiu nas suas áreas contíguas. O próprio



poder público contribuiu indireta ou diretamente para que esse quadro no Centro fosse agravado, visto que, nesta época, pouco investiu na melhoria dos serviços públicos, sendo a sua atuação chamada de “irrisória”, uma vez que, na totalidade dos investimentos em obras implantadas em Belo Horizonte, apenas 0,05% foram destinadas à Região Central (PLAMBEL, 1978).

Até então o bairro localizado nas proximidades da Praça da Liberdade, que no início da fundação da cidade abrigou os funcionários do governo da nova capital, era considerado predominantemente residencial. O crescimento e a legitimação da Savassi coincidiram com o início do processo de saturação da conurbação urbana do Centro. Os seus freqüentadores de maior poder aquisitivo, da mesma maneira que os serviços e especialmente o comércio varejo mais sofisticados passaram a procurar lugares alternativos para consolidarem seus interesses. Neste passo, a sub-região se tornou o *locus* ideal para os empreendimentos e concomitantemente a chegada dos modernos e atualizados consumidores.

Os dois fatos ocorreram em plena sincronia: o espaço acumulou pessoas com facilidade de permanência e, principalmente, com poder aquisitivo. De acordo com estes fatores, a sua reterritorialização surge como uma nova opção para os investimentos do capital privado, destacando-se como um dos principais centros de Belo Horizonte. Este se constituiu como um espaço especializado de serviços, onde houve um nítido corte de classe, tornando-se o *locus* de consumo e lazer dos grupos privilegiados. Além de o lugar oferecer serviços mais sofisticados para o uso e o consumo de uma pequena parcela da população, ela tornou-se o *locus* privilegiado carregado de um grande simbolismo, por onde transitavam modismos culturais. Lá se concentravam cargas valorativas do sentido, o que levou a exercer um papel de grande eficácia cultural e simbólica com relação ao consumo de serviços de comércio e lazer. Não houve, com relação ao bairro Funcionários, uma expansão urbana, o que aconteceu foi uma mudança de uso, numa região já plenamente expandida. Entre as décadas de 1970 e 1990, a sub-região recebeu um relevante dinamismo conformando uma centralidade alternativa ao antigo centro. A padaria Savassi localizada na sua praça principal emprestou a sua denominação, uma vez que uma dinâmica de crescimento intensivo redefiniu a paisagem do até então Bairro Funcionários.

Com o comércio varejo surgiu paulatinamente o incremento no setor de serviços em geral. Este foi responsável também pela mudança de patamar do espaço, tendo em vista



o incremento da verticalização da paisagem. Tal fato atribuía à Savassi não só características de um inovador e rápido crescimento, mas também da chegada de um acúmulo de atividades sem precedentes na história do município. Essa conjuntura atribuía ao novo centro uma semelhança com o antigo.

Contraditoriamente, ao mesmo tempo que o local “imitava” o tradicional centro em termos da estrutura urbana, constata-se que haviam diferenças entre as duas centralidades. Caracterizados pela mesma condição urbanística moderna, como também pelas suas representações simbólicas, as diferenças distinguiam os dois centros até os anos 80 se interagiam e se completavam, compondo a dinâmica do urbano como um todo. Na Savassi, nesse período, se configurava principalmente como um *locus* de consumo, enquanto no Centro acentuava-se a característica de referencial de negócios. Este fato explica-se ao se considerar o comércio varejista, por exemplo, que, em termos relativos, é muito mais numeroso, apresentando uma qualidade superior, sendo as suas lojas configuradas por uma grande sofisticação. Ainda em termos de consumo, os serviços de Alimentação acompanhavam a mesma análise dos anteriores. Os bares, as lanchonetes e os restaurantes apresentavam também uma diferença qualitativa entre a Savassi e o Centro, visto que, no segundo, estas atividades suprem uma “necessidade”, o que quer dizer que o ato de consumir estava restrito a atender a uma necessidade da população naquele momento. Com relação ao novo centro, pelo fato do lugar apresentar um sentido peculiar e uma acessibilidade facilitada, as pessoas iam consumir, passear e ficar pelos lugares, bares, etc. Havia uma nítida diferença entre as duas áreas: o Centro vinha se tornando um mero lugar de passagem e a Savassi podia ser caracterizada predominantemente como o lugar do encontro, formando verdadeiros territórios existenciais. Apesar das diferenças qualitativas e quantitativas, a Savassi se aproximava da estrutura do primeiro, que na condição de um novo centro, além de se consolidar como o lugar do consumo, podia, até então, ser considerada como uma centralidade prospectiva de negócios auto-suficiente.

Após a década de 1990, as características que impulsionaram a expansão e redefinição urbanística do Bairro Funcionários foram desaparecendo. Como um centro consolidado e dotado de paisagem verticalizada o local passou a “imitar” predominantemente o processo de desqualificação do patrimônio urbano do centro antigo. A partir dessa década, principalmente, seus espaços passaram a evidenciar sinais de perda das interações sociais e cultura de consumo que transformou a Savassi em uma



centralidade alternativa. E com isso, a força dos ritos mágicos do consumo perdeu grande parte da sua identidade legitimadora do sentido de lá permanecer e instituir-se como *locus in*. As suas paisagens e espacialidades mostraram sinais de mudanças de suas características no sentido de interferir na condição de centro comercial cristalizado e consolidado.

Embora a perda do patrimônio urbano possa incidir circunstancialmente, as sub-regiões do Centro e da Savassi não se encontravam, no final do milênio, totalmente condicionadas pelos mesmos e pela maneira como as localidades eram percebidas ou apropriadas. Apesar da dimensão lúdica e simbólica que o lugar preservava, fragmentariamente, a Savassi encontrava-se em “compasso de espera”, ou seja, em uma conjuntura de indefinições. A desqualificação e redução dos estabelecimentos comerciais e a diminuição explícita do índice dos tradicionais freqüentadores mostravam indícios da sua fragilidade econômica e simbólica. Vários motivos são identificados para justificar tal conjuntura. A perda de grande parte dos nobres freqüentadores e do comércio mais sofisticado se justifica inicialmente pelo desnivelamento da diversidade de serviços do local nas últimas décadas do século XX. A não preservação do patrimônio cultural e ambiental; o intenso fluxo do trânsito, a relativa e escassa presença do poder público, a descaracterização de vários pontos de encontro, o fechamento do estabelecimento de cinema tradicional pela representação cultural do mesmo; a existência de conflitos e violência no local muito contribuíram para o desmantelamento do qualificado comércio da Savassi. Ao lado destes fatores, o surgimento e implantação dos shoppings, a partir de 1979, determinaram a síntese do quadro de mudança, possibilitando destacar a inadequabilidade do comércio e da freqüentação das espacialidades savassianas. Nesta medida, mesmo com a manutenção dessas contradições e descaracterizações, a partir de 2004 a sub-região recebeu um novo impulso com a implantação do Shopping Pátio Savassi, o que redefiniu e conformou novas territorialidades no local. Contexto a ser abordado em uma outra oportunidade.

4. Principais referências bibliográficas:

BLOOMER, K. ; MOORE, C., *Cuerpo, Memória y Arquitectura*. Madrid: H.Blume. 1982.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985

PLAMBEL. *Mercado da terra na região metropolitana*. Belo Horizonte : [s.n.], 1978. (Mimeografado).



PLAMBEL. *O processo de desenvolvimento de Belo Horizonte*. Belo Horizonte : [s.n.], 1977. (Mimeografado).

SANTOS, Carlos. Nelson. F. Dizei-me cidade brasileira se alguma arquitetura há tão bela e altaneira ?. *Projeto* n.51, São Paulo, p.35-38, mar.1984.

FEATHERSTONE, Mike. *Consumer culture & postmodernism*. London : Sage Publications, 1998.

LEFÈBVRE, Henri. *Production de l'espace*. Paris : Anthropos, 1974.

MARSHALL, J. Neil ; WOOD, Peter A. *Service and space : key aspects of urban and regional development*. Essex : Longman Scientific and Technical, 1995.

ⁱ A criação oficial da R.M.B.H. deu-se pela lei complementar 14, de 8 de julho de 1973. Ver PLAMBEL (1977).
Ssa1357